



“MISSA DO GALO” E “VESTIDA DE PRETO”: UMA
“LEITURA” ERÓTICA DOS CONTOS.

“MISSA DO GALO” AND “VESTIDA DE PRETO”: AN
EROTIC READING OF
THE TALES

Maria da Conceição José de Sousa ¹

Recebimento do texto: 14/08/2016

Data de aceite: 25/09/2016

RESUMO: Este artigo aborda uma perspectiva erótica, partindo de uma análise comparatista dos contos *Missa do Galo* de Machado de Assis e *Vestida de Preto* de Mário de Andrade, em que em ambos a figura da mulher é evidenciada no sentido de representar o “objeto” de desejo. Pretendemos, pois, mostrar o erotismo presente nesses contos, um erotismo individual e constante dos seres e, ao mesmo tempo, contido pela cultura materializada interiormente em cada ser e pelo o contexto sociocultural que projetam restrições como proibições.

PALAVRAS-CHAVE: Erotismo; proibições; *Missa do Galo*; Machado de Assis; *Vestida de preto*; Mário de Andrade.

ABSTRACT: This article discusses an erotic perspective, starting from a comparative analysis of the tales "Missa do Galo", by Machado de Assis and "Vestida de Preto", by Mário de Andrade, where in both, the woman picture is evidenced in the sense to represent the “object” of desire. So, we intend to show the present erotism in this tales, an individual and constant erotism of the creature and, at the same time, contained at inwardly materialized culture in each creature and at the sociocultural context that appear restrictions like prohibitions.

KEYWORDS: Erotism; prohibitions; *Missa do Galo*; Machado de Assis; *Vestida de preto*; Mário de Andrade.

¹ Mestranda em Estudos Literários (PPGEL), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. Docente da Rede de Ensino do Estado de Mato Grosso. Integrante do Grupo de Pesquisa TRANCO. E-mail: c.conceicao52@hotmail.com





Introdução

Os contos de Machado de Assis, assim como outras de suas produções literárias, são marcados pelo mistério do dito e não-dito, como nos afirma Alfredo Bosi em *Machado de Assis: O enigma do olhar* (2007), a perspectiva de Machado é a da contradição que se despista, o terrorista que se finge de diplomata.

O conto “Missa do Galo” retrata uma noite que antecede à Missa do Galo, em que Nogueira – narrador - fica na cidade do Rio de Janeiro para assistir “a Missa do Galo na Corte”. Enquanto espera a hora da missa, Nogueira lê o romance os *Três Mosqueteiros* e é interrompido por Conceição (a dona da casa) iniciando assim, uma conversa entre os dois. É uma conversação cheia de gestos que suscitam segundas intenções e ambiguidades. A conversa entre eles foi interrompida pelas batidas na porta e os gritos do vizinho (- Missa do galo! Missa do galo!).

O fato de Nogueira já estar de férias e ter optado por ficar no Rio de Janeiro para assistir a missa, teria sido um pretexto dele para tentar seduzir a senhora Conceição? Ou o ato de Conceição ter levantado no meio da noite e iniciar uma conversa com Nogueira teria sido um subterfúgio dela para seduzi-lo e despertar o desejo nele? São indagações, talvez, sem respostas ou com múltiplas respostas, uma vez que, para alguns, Nogueira não representava inocência e Conceição sim, pois ela era a “santa”, já para outros ele era um jovem inocente e Conceição a sedutora. No desenvolvimento desse artigo, deixaremos nossa visão sobre tais interrogações.

Machado de Assis considerou o conto um “gênero difícil”, embora tenha conseguido retirar o melhor do gênero, desse modo, decifrar os enigmas de Machado não parece tarefa fácil, pois “o que se tem até hoje como consenso é a qualificação da perspectiva de Machado de Assis por meio de





epítetos negativos: cética, relativista, irônica, sardônica, sarcástica, pessimista, demoníaca” (BOSI, 2007, p. 11). Podemos falar que o seu olhar “é um olhar que morde e assopra” (BOSI, 2007, p. 11).

Mário de Andrade percorreu por diversos campos da ficção, explorando também o conto. Começou a escrever essa modalidade da narrativa na década de 1920. Em *Contos e Contistas*, Mário de Andrade nos fala que o conto é “aquilo que o seu autor batizou como nome de conto”, dessa forma, o conto seria “indefinível, insondável e irredutível a receitas” (ANDRADE, 1972, p. 8).

Contos Novos, obra póstuma do autor, escrita entre 1930 e 1943, publicado em 1947, preparado por amigos dois anos após a morte de Mário, reúne nove narrativas, entre elas, “Vestida de Preto”. A redação desse conto, conforme Maria Augusta Fonseca, “foi iniciada no Rio de Janeiro, em 1939, mas só foi concluída em 1943, em São Paulo. Nele o artista explicita, ainda, que o relato está impregnado de elementos autobiográficos” (FONSECA, 2013, p. 156).

“Vestida de preto” narra uma história que aconteceu durante a infância e juventude do narrador – Juca. Ele relembra dos seus primeiros amores, em especial, o amor à sua prima, Maria. Um amor, interrompido pelo olhar repressor de Tia Velha. A partir desse olhar, Maria passa a rejeitar Juca, e com este desprezo ele passa a se dedicar aos estudos e Maria torna-se namorada. Ela casa-se, separa-se e Juca continua solteiro e dedicado aos estudos. Depois de alguns anos, Juca e Maria reencontram-se. Nesse reencontro, Maria parece vestir-se para seduzi-lo, entretanto, Juca é tomado pela consciência religiosa e prefere apenas cumprimentá-la e sair. As suas vidas novamente tomam rumos diferentes, Juca vai embora e Maria volta para Europa casando-se novamente com um “aventureiro qualquer” (ANDRADE, 2012, p. 24).





Talvez não tanto quanto “Missa do Galo”, mas decifrar “Vestida de Preto” também não parece tarefa fácil, “problemático por si mesmo em sua classificação, basta ler os contos de Mário de Andrade para entender que essa modalidade narrativa, de ponta aguda, continua a provocar perguntas e suscitar polêmicas” (FONSECA, 2013, p. 152).

Ao observarmos o conto “Missa do Galo”, podemos perceber uma força erótica extrema, já em Vestida de Preto, percebemos um erotismo na “descoberta” da sexualidade, contido pelo olhar repressor de um adulto e depois um erotismo tomado pela religiosidade. Segundo Georges Bataille:

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos, porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas este objeto responde à *interioridade* do desejo. (...) O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão (BATAILLE, 1987, p. 20).

Temos, assim, a figura da mulher (Conceição, em Missa do Galo e Maria, em Vestida de Preto) nos dois contos representando esse objeto de desejo.

Um erotismo pulsante em “Missa do Galo”.

Pode não ter sido essa a intenção de Machado de Assis, ao escrever o conto “Missa do Galo”, uma vez que, o autor mantinha certo conservadorismo em seus textos. Provavelmente, Machado queria desmascarar a hipocrisia dos casamentos consolidados socialmente. Porém, é inegável que o conto citado esteja impregnado de erotismo.

Falar de erotismo sempre suscita polêmicas. Bataille enfatiza que “do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até a morte” (BATAILLE, 1987, p. 10), ele nos mostra essa ideia não querendo definir ou conceituar o erotismo, mas como forma de dá sentido ao erotismo. Nos fala





ainda que “(...) só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica” (BATAILLE, 1987, p. 10). Nesse sentido, em literatura os momentos referentes à sedução e sensualidade no texto literário refletem esta conjuntura. Em “Missa do Galo”, os ecos eróticos das personagens estão cheios de desejo de transgressão, e, para Bataille, o erotismo só é notório, quando há desejo de transgredir o interdito, assim, extravasar a sexualidade. Abordaremos agora algumas das possíveis interpretações das intenções das personagens (Dona Conceição e Nogueira) nesse jogo de sedução.

Observando o contexto em que Conceição encontra-se inserida, isso leva-nos a acreditar que ela teria vários motivos para aflorar o desejo de transgredir. Uma mulher que era traída pelo o esposo, no início se compadeceu, mas “acabou achando que era muito direito”, era considerada por todos, uma “santa”. Era ela uma senhora desprezada, sem desejos e anseios amorosos correspondidos:

Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salas. Deus me perdoe se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo (ASSIS, 2009, p. 34).

Desse modo, podemos deduzir que sua vida amorosa era de aparência, uma vez que Meneses (o esposo de Conceição) vivia “esquecendo-a”, e ela suportava isso para manter o status de mulher casada. Meneses a tinha como a esposa, aquela a quem a apresentava à sociedade, mas os seus desejos eram saciados com uma senhora, recém-separada.

Falando a respeito do casamento, Bataille nos diz que “frequentemente o casamento é considerado como algo que pouco tem a ver com o erotismo” (BATAILLE, 1987, p. 72), desse modo, a monotonia do





casal de “Missa do Galo”, a não correspondência amorosa e sexual e a descoberta da sexualidade, no caso de Nogueira, podem desencadear de alguma forma o erotismo e sedução a outrem. Pois, é inerente aos seres ignorados e não correspondidos nessas situações, que o desejo de transgressão se faça pensar em traição:

Falamos do erotismo sempre que um ser humano se conduz de uma maneira que apresenta uma oposição bem acentuada a certos tipos de comportamento e de julgamento que nos são habituais. O erotismo deixa entrever *o avesso* de uma fachada cuja aparência correta nunca deve ser desmentida: *no avesso* revelam-se sentimentos, partes do corpo e maneiras de ser de que temos habitualmente *vergonha*. Insistamos nisso: esse aspecto, que parece alheio ao casamento, nunca deixou de ser aí sensível (BATAILLE, 1987, p. 72, grifos do autor).

O conto “Missa do Galo” já inicia com uma dúvida, “NUNCA PUDE entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta” (ASSIS, 2009, p. 33), esse questionamento estende-se também aos leitores, pois, se o narrador não consegue transmitir ao leitor o que de fato aconteceu, deixa-nos a mercê da interpretação de diversos sentidos que dialogam entre si no conto. Segundo Nádía Gotlib, os contos de Machado de Assis:

(...), paralelamente ao que acontece, há sempre há sempre o que parece estar acontecendo. E disto nunca chegamos a ter certeza. Afinal, o que acontece mesmo? Qual é a estória? E como acontece? Ou qual é o enredo? Isto tudo é montado a partir dos gestos, olhares, cochichos e estrelinhas. Transforma-se numa questão para o leitor, que às vezes irá atormentá-lo pelo resto da vida (GOTLIB, 2006, p. 78).

Dizer ao certo o que aconteceu naquela noite de natal é pouco provável. Como já mencionado anteriormente, Conceição teria motivos de sobra para querer transgredir, ou seja, seduzir, levar o enredo a um desfecho





de traição, assim também, Nogueira, um jovem na idade das suas descobertas sexuais, perante uma senhora rejeitada, traída e de uma vida monótona. Possivelmente ele a via como uma “presa fácil”, estaria ela à deriva de uma sedução e deixaria ser levada facilmente por um desejo de ultrapassar um interdito (transgredir o casamento, cometer um pecado - adultério). Afinal, naquela noite ele a observou detalhadamente e a descreve com riqueza de detalhes:

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com meu livro de aventuras. Fechei o livro, ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé (ASSIS, 2009, p. 35).

Vale lembrar que Nogueira estava “completamente ébrio de Dumas” (ASSIS, 2009, p. 35). E como qualquer pessoa “embriagada”, corre-se o risco de perceber ou fantasiar algo onde na verdade, não há ou não está transparente. Cabe mencionar que conforme Octávio Paz, “o erotismo, que é sexualidade transfigurada pela imaginação humana, não desaparece em nenhum caso. Muda, transforma-se e, não obstante, nunca deixa de ser o que é originalmente: impulso sexual” (PAZ, 1984, p.24).

Certamente, de tanto Nogueira observar Conceição, ela tenha despertado nele uma atração e ela passaria a representar seu “objeto de desejo”. No início do conto, ele a vê como uma mulher atenuada, seu rosto “era mediano, nem bonito nem feio” (ASSIS, 2009, p. 34), a considerava simpática, uma mulher que não falava nada de ninguém, que perdoava tudo, que “não sabia odiar”, assim, seria uma mulher cheia de virtudes. Qualidades que faz dela uma pessoa admirável. Ao longo do conto ele passa a enxerga-la de uma maneira diferente, antes “ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima” (ASSIS, 2009, p. 39), dessa forma, percebemos que





Nogueira passa a encantar-se com Conceição à medida que a observa. De acordo com Bataille, as mulheres são *objetos privilegiados do desejo*, “se os homens têm a iniciativa, as mulheres têm o poder de provocar-lhe o desejo” (BATAILLE, 1987, p. 86), logo, a presença dela o espertara “ainda mais que o livro” (ASSIS,).

Octávio Paz enfatiza que só os humanos conseguem desenvolver o erotismo, devido ao fato de sermos dotados de racionalidade, dessa forma, a erotização da noite descrita em “Missa do Galo”, acontece a partir das condições e dos olhares das personagens:

Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De que vez em quando passava a língua pelos beijos, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos (ASSIS, 2009, p. 36).

Inicia-se aqui um erotismo determinado pelo momento em que Nogueira e Conceição encontram-se a sós e começam a trocar olhares, e o desejo do “eu” penetra no eco do anseio do outro. De agora em diante, o desenrolar das ações dessas personagens é movido pelo clima erótico, mas logo depois, esse clima é bloqueado pelos interditos. Como nos esclarece Bataille, “é diretamente, pela descoberta furtiva – parcial de início – do campo proibido que o interdito nos aparece” (BATAILLE, 1987, p. 70). Quando aqui falamos em interditos, queremos direcionar o olhar para uma perspectiva de “proibido” instituído pela sociedade ao longo dos tempos.

Nogueira inebria-se cada vez mais com a sensualidade de Conceição, e ela envolve-se com o “ar” atencioso que ele a transmite. Ele a repara sem cessar, “magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela





noite” (ASSIS, 2009, p. 37), e nesse enlevo de sedução ela fica à beira do adultério. Podemos dizer que ela percebe o interesse dele e tenta disfarçar antes que ele perceba ou tenha a certeza de que ela também está naquele jogo sensual, “examinando um trecho da cortina ou concertando a posição e algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim com a mesa de permeio” (ASSIS, 2009, p. 37).

Conceição questiona o motivo de Nogueira ter ficado na capital na noite de natal, e ele afirma que “nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la” (ASSIS, 2009, p. 37), contudo, teria sido esse o real motivo da sua permanência na capital? Interpretamos que não, naturalmente esse seria apenas uma desculpa, pois, na verdade ele queria admirá-la mais, uma vez que, já poderia estar envolvido com a sua “sensualidade mediana”, há trechos no conto que confirmam que ele já a observava:

Pouco a pouco, tinha-se reclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muitos claros, e menos magros do que se poderia supor. A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia conta-las do meu lugar (ASSIS, 2009, p. 37).

Ora, se aquela imagem dos braços não era nova para o jovem, deduzimos que ele já analisava aquela senhora, lembrando que assim como não era nova, também não era comum. Decerto, estaria ele encantando-se com ela, seja por ocasião de momentos ou quem sabe por perceber que Conceição também o observava.

Não podemos afirmar de fato o que seria, entretanto, o que não se pode negar é o erotismo pulsante presente nesse trecho, nessa condição, esse erotismo é inerente ao ser, visto que, em conformidade com Bataille, “a





imagem da mulher desejável, que se nos oferece como tal, seria insípida – ela não provocaria o desejo – se ela não anunciasse, ou não revelasse, ao mesmo tempo, um aspecto animal secreto, de uma enorme sugestão” (BATAILLE, 1987, p. 94), dessa maneira, o fato de Conceição reclinar-se para ficar próxima à Nogueira e as mangas do roupão dela terem caído e mostrado metade dos seus braços, para ele é como se tivesse visto sua parte pudenda, ou seja, é despertado um erotismo instintivo provocado pela sua imaginação, devido ao cruzamento de olhares e atmosfera de sedução.

Podemos concluir que naquela noite Conceição esteve muito perto de transgredir um interdito (cometer adultério), não o fez, pois eventualmente lembrou-se que era uma senhora casada e Nogueira apenas um jovem de dezessete anos. Talvez, cedeu àquele momento de sedução pela necessidade de sentir-se desejada, não obstante que depois de se “embebedar” de desejo, ela muda o foco daquela conversação para fatos do cotidiano, lembranças da sua juventude, falava sem parar, “já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saíra da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos” (ASSIS, 2009, p.38), Conceição agora acordara daquele êxtase não pelo fato de ser “santa”, mas por não permitir-se ceder àquela condição, certamente não achou que fosse o momento certo. De acordo com Bataille, “na medida de sua atração, uma mulher serve de alvo ao desejo dos homens. A menos que ela se esquivie inteiramente, por um *parti prit* de castidade, a questão é, em princípio, saber a que preço, em que condições, ela cederá” (BATAILLE, 1987, p. 86). Todavia, Nogueira permanece fixo no enlevo erótico:

Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os esforços dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas, a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A





conversa ia morrendo. Na rua o silêncio era completo (ASSIS, 2009, p. 40).

Se porventura esse silêncio não fosse quebrado pelo brado do companheiro que Nogueira havia marcado para irem juntos à missa do galo, supostamente seria interrompido pela transgressão. Assim, podemos dizer que tanto Conceição quanto Nogueira, tiveram certo desejo erótico despertado, porém, contido pelas restrições do contexto sociocultural.

“Vestida de preto”, um desejo contido pela religiosidade.

Ao contrário do “erotismo pulsante” em “Missa do Galo”, em “Vestida de preto”, podemos perceber um erotismo atenuado, fruto da imaginação, desprovido de momentos de erotismo intenso, mas que é presente na descoberta da sexualidade (brincadeiras na infância) e retido pela religiosidade (medo de pecar) depois de adulto.

É nítida a presença de teorias abordadas pela psicanálise (Sigmund Freud) nesse conto, entretanto, procuraremos não nos determos a elas, uma vez que, essa não é essa a nossa perspectiva central. Abordaremos, portanto, a vertente erótica reprimida pela cultura materializada (Cristianismo), visto que, segundo Bataille, “é sabido que o desenvolvimento do erotismo não é em nada exterior ao domínio da religião, mas justamente o cristianismo, opondo-se ao erotismo, condenou a maior parte das religiões” (BATAILLE, 1987, p. 22), desse modo, compreendemos que qualquer forma de erotismo fora daquilo que é considerado sagrado pelo Cristianismo (casamento), é repudiada por ele, cometendo assim, “pecado”.

Em “Vestida de preto”, Juca relata fatos ocorridos desde a sua infância, percorrendo pela sua juventude, chegando até sua fase adulta. Enquanto nos conta o que aconteceu na sua infância, percebemos a “descoberta da sua sexualidade”, porém, isso nos é retratado de forma pura.





Ao narrar suas brincadeiras com a prima Maria quando tinha por volta de nove ou dez anos de idade, nos faz questão de lembrar que a respeitava, que o seu sentimento em relação a ela era verdadeiro e que não fazia nada com Maria “Eu, isto é, eu com Maria não fazíamos nada. Eu adorava principalmente era ficar assim sozinho com ela, sabendo várias safadezas já mas sem tentar nenhuma” (ANDRADE, 2012, p. 16), mas reconhecera que a “intimidade daquela solidão” (ANDRADE, 2012, p. 16) representava um perigo eminente para cometerem um pecado.

O episódio em que Juca dar o único beijo em Maria acontece em um dos quartos da casa de Tia Velha, como era de costume eles brincarem de casados e cada um irem para um dos quartos da casa, contudo, o que chama a atenção é o fato de desde a entrada no quarto ele concentrara todos os seus instintos em um travesseiro, e a existência deste travesseiro “cresceu como um danado dentro de mim e virou crime. Crime não, “pecado” que é como se dizia naqueles tempos cristãos” (ANDRADE, 2012, p. 16), e para sua surpresa e angústia, Maria pega o travesseiro e coloca no chão para se deitarem, e Juca fica estarecido com aquela situação. Ora, se ele já havia notado que amava a presença dela “naquela solidão” e imaginar aquele travesseiro de uma maneira que se tornou pecado e a riqueza de detalhes que nos é descrito como aconteceu esse beijo, remete-nos a ideia de que na imaginação dele, aquela situação representava certo erotismo, já que como nos esclarece Octávio Paz, “o fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha do erotismo e esta, por sua vez, sustenta outra chama, azul e trêmula: a do amor. Erotismo e amor: a dupla chama da vida” (PAZ, 1984, p. 07), talvez, não de forma consciente, pois, só depois de alguns anos é que ele pôde entender o que acontecera.

Aquele beijo fez muito bem para Juca, pois, através dele, sentiu que Maria também o amava: “Maria, só um leve entregar-se, uma levíssima





inclinação pra trás me fez sentir que Maria estava comigo em nosso amor” (ANDRADE, 2012, p. 18). Foi levado a fixar-se na perfeição pelo impacto dele, que o deixou “completamente puro, sem minhas curiosidades nem desejos de mais nada, adeus pecado e adeus escuridão!” (ANDRADE, 2012, p. 18), desse jeito, se libertou daquele interdito, agora não era mais a angústia de realizar aquele desejo, nem o peso do pecado, agora era a luz violentamente branca representando a inocência daquele amor, daquele ato. Todavia, esse momento de alívio não demora muito, Tia velha entra no quarto e com um olhar repressor condena aquilo que estavam fazendo, para ela aquela situação era absurda, concluiu então, que haviam cometido “pecado”.

Depois do olhar de condenação de Tia velha, Maria afasta-se de Juca, “o estranhíssimo é que principiou nesse acordar à força de Tia Velha, uma indiferença inexplicável de Maria por mim” (ANDRADE, 2012, p. 18). E, com quinze anos afastam-se de forma “definitiva”. Mesmo assim, ele continua a amando de forma “conscientemente agora”. Sabia que não se casariam, pois ele era de família pobre e ela, de família “de gente que até viajava na Europa” (ANDRADE, 2012, p. 20) e que o pai dela não tinha permitido o casamento de uma filha com um rapaz que era bom, mas também de família pobre, do mesmo jeito, não permitiria o seu com Maria. Juca decide por firmeza não amá-la mais e dedica-se aos estudos tornando-se estudioso, ela vira namoradeira, casa-se e parte “em busca duma embaixada europeia” (ANDRADE, 2012, p. 21). Ele arruma namorada, “a Rose pra de-noite, e uma linda namoradinha oficial, a Violeta” (ANDRADE, 2012, p. 21).

Cinco anos depois, Maria está prestes a voltar para o Brasil pela primeira vez, e a mãe dela queixando-se da ausência da filha para a mãe de Juca, fala para ele que, “Maria gostou muito de você, você não quis” (ANDRADE, 2012, p. 22). Então, percebe que não era Rose nem Violeta, na verdade, sempre amou Maria, mais uma vez, fica estarecido. Resolve ir





visitar Maria, e é a partir desse reencontro que brota o ápice do erotismo presente no conto. Ao chegar à casa dela, “os de casa estavam ainda jantando” (ANDRADE, 2012, p. 23) e ele foi esperar em uma saleta:

Contemplando a gravura cor-de-rosa, senti de supetão que tinha mais alguém na saleta, virei. Maria estava na porta, olhando pra mim, se rindo, toda vestida de preto. Olhem: eu sei que a gente exagera em amor, não insisto. Mas se eu já tive a sensação da vontade de Deus, foi ver Maria assim, toda de preto vestida, fantasticamente mulher. Meu corpo soluçou todinho e tornei a ficar estarecido (ANDRADE, 2012, p. 23).

Naquele momento, Juca contempla em Maria o seu “objeto de desejo”, observa-a como uma mulher sensual, vestida para seduzir, certamente já havia a imaginado, vestida de preto para ele. Bataille fazendo uma abordagem a respeito do objeto de desejo para o afloramento do erotismo, nos fala que, “o que entra em jogo é frequentemente um aspecto indizível, não uma qualidade objetiva dessa mulher, que talvez não tivesse, se ela não nos tocasse o ser interior” (BATAILLE, 1987, p. 20), assim, se Juca escolheu Maria como essa representação é porque ela tem o poder se fazê-lo perder-se no erotismo, ou seja, o EU dele desfaz-se no eco dela, desse modo, “em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde” (BATAILLE, 1987, p. 21).

Depois desse derramamento, no sentindo de penetrar o desejo do “eu” no “outro”, Juca apenas a cumprimenta e vai embora, por mais que sentisse vontade de ficar, de abraçar, de beijar, assim o faz por medo das suas atitudes, sabia que aquela solidão sempre representara perigo eminente. Nota ainda, que ela se entregava, “eu sei, eu juro que sei que ela estava se entregando a mim, me prometendo tudo quanto eu queria, naquele se deixar olhar, sorrindo leve, mãos unidas caindo na frente do corpo, toda vestida de preto” (ANDRADE, 2012, p. 23), dessa maneira, Maria passa a representar o lado





profano desse amor, “um segundo me passou na visão devorá-la numa hora estilhaçada de quarto de hotel, foi horrível” (ANDRADE, 2012, p. 23), nesse instante Juca é tomado pela consciência religiosa e abdica de transgredir um interdito e cometer pecado. Conforme Bataille:

Se observamos o interdito, se a ele nos submetemos, não temos mais consciência dele. Mas sentimos no momento da transgressão si angústia, sem a qual o interdito não existiria: é a experiência do pecado. A experiência leva à transgressão realizada, à transgressão bem sucedida que, sustentando o interdito, sustenta-o para dele tirar prazer (BATAILLE, 1987, p. 26).

Depois desse reencontro Juca e Maria tomam rumos diferentes e não voltam a se ver. Concluímos que Juca ao mesmo tempo em que foi invadido pelo erotismo, seduzido pelo seu objeto de desejo, foi também consumido pelo medo de pecar, tomado por sua consciência cristã (Catolicismo), dado que, “é a sensibilidade religiosa, que liga sempre estreitamente o desejo e o medo, o prazer intenso e a angústia” (BATAILLE, 1987, p. 26). Assim sendo, não restam dúvidas da formação religiosa dessa personagem e do uso dessa sensibilidade na condução de suas atitudes. Mesmo assim, Maria continuará a ser o amor e objeto de desejo de Juca.

Considerações Finais

Observamos, portanto, que os contos comparados assemelham-se em alguns aspectos, a começar pelo recurso de *flashback* para a narração, utilizado em ambos; o narrador é um narrador-personagem, a história é narrada em 1ª pessoa. Em ambos, a figura da mulher é evidenciada no sentido de despertar desejo. O desfecho é parecido, pois neles as personagens masculinas ficam sozinhos e as personagens femininas casam, separam e depois de algum tempo casam-se novamente. A vida das personagens seguem





rumos diferentes, não voltam a se reencontrar. Temos em “Missa do Galo”, um erotismo marcante, mas que é contido pela cultura materializada nas personagens, já em “Vestida de Preto” um erotismo comedido pela angústia entre pecar e não pecar. Nos contos são colocados em questão os conflitos humanos.

Se há pontos de convergências, há também de divergências. Diferencem-se, na linguagem, em que “Missa do Galo” segue a norma-padrão, já em “Vestida de preto”, é usada uma linguagem coloquial. Os contos são escritos em períodos diferenciados, aquele no Realismo e este no Modernismo, assim, as características predominantes de cada texto difere-se também.

De acordo com Bosi, o comportamento humano da sociedade do Rio de Janeiro durante o Segundo Império é objeto principal de Machado de Assis. Madalena Machado em *A modernidade de Contos novos: o herói em formação*, nos fala que o conto de Mário de Andrade, “possui uma maneira peculiar de o artista entender o mundo, sem a falsa pretensão de querer dominar a realidade” (MACHADO, 2012, p. 21). O fato é que são contos brilhantes, produzidos por quem entendem da arte de ser contista, romancista e poeta. São escritos pelo “grande mestre Machado”, um ícone da nossa literatura e pelo grande intelectual representante da literatura brasileira, Mário de Andrade.

Referências

ANDRADE, Mário de. Vestida de Preto. In: **Contos novos**. Rio de Janeiro: Ediouro Lazer e Cultura, 2012.

ANDRADE, Mário de. Contos e contistas. In: **O empalhador de passarinho**. 3. ed. São Paulo, Martins; Brasília- INL, 1972.





BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987. Tradução de Antonio Carlos Viana.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

FONSECA, Maria Augusta. **Por que ler Mário de Andrade**. São Paulo: Globo, 2013.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Madalena. **A modernidade de Contos novos: um herói em formação**. São Paulo: Arte e Ciência, 2012.

SCLIAR, Moacyr. (Org.). Missa do Galo. In: **Leituras de escritor**. 2ª ed. São Paulo: Comboio de Corda, 2009.

PAZ, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1984.

